

Bruna Carolina Carvalho

Universidade do Porto – U.Porto

Email:

brunacarolinadomingues@gmail.com

Ludmila Maria Gomes da Costa

Universidade Federal do Rio de

Janeiro – UFRJ

Email: milla_mgc@hotmail.com



Este trabalho está licenciado sob uma
licença [Creative Commons Attribution 4.0
International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito exclusivo
de utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

***Do transe à vertigem, de
Rodrigo Nunes:
Diagnósticos do bolsonarismo***

*Rodrigo Nunes' Do transe à vertigem:
Diagnosing Bolsonaroism*

*Do transe à vertigem, de Rodrigo Nunes:
Diagnósticos de bolsonarismo*

Carvalho, B. C., & Gomes da Costa, L. M. Do Transe à Vertigem, de
Rodrigo Nunes: Diagnósticos do bolsonarismo. *Revista Eco-Pós*,
26(01), 552-564. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28067>

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28067

RESUMO

Esta resenha aborda o livro *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*, publicado pelo professor e filósofo Rodrigo Nunes, que investiga a consolidação da extrema-direita no Brasil e a ascensão do bolsonarismo, fenômeno político e social que supera o governo que lhe deu forma. A publicação reúne sete ensaios, escritos entre 2019 e 2022, que analisam de forma lúcida e abrangente o cenário político brasileiro e mundial, bem como as dificuldades que ele nos impõe. No livro, são destrinchados temas que se relacionam com o contexto investigado, como a convergência entre política e cultura, que deu base para que emergisse o negacionismo, as guerras culturais e as *fake news*, além da acentuação de crises sociais e econômicas desencadeadas pela globalização neoliberal. Por fim, Nunes aponta caminhos para suplantear tais desafios, sendo um deles a radicalização.

PALAVRAS-CHAVE: *Bolsonarismo; Extrema-direita; Crise neoliberal.*

ABSTRACT

This review addresses the book *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*, published by professor and philosopher Rodrigo Nunes, who investigates the consolidation of the far right in Brazil and the rise of the Bolsonarism, which is a political and social phenomenon that surpasses the government that named it. The publication collects seven essays, written between 2019 and 2022, which analyses in a lucid and in-depth way the Brazilian and worldwide political scenario, as well as the difficulties it imposes on us. The book unravels themes related to the investigated context, such as the convergence between politics and culture, which provides the basis for the emergence of negationism, culture wars, and fake news, in addition to the accentuation of social and economic crisis triggered by neoliberal globalization. Finally, Nunes suggested ways to overcome such challenges, one of them through radicalization.

KEYWORDS: *Bolsonarism; Far Right; Neoliberal crisis.*

RESUMEN

Esta reseña aborda el libro *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*, publicado por el profesor y filósofo Rodrigo Nunes, que investiga la consolidación de la extrema derecha en Brasil y el ascenso del Bolsonarismo, un fenómeno político y social que supera el gobierno que le dio forma. La publicación reúne siete ensayos, escritos entre 2019 y 2022, que analizan con lucidez y amplitud el escenario político brasileño y mundial, así como las dificultades que esta coyuntura nos impone. En el libro, son desenredados temas que se relacionan con el contexto investigado, como la convergencia entre política y cultura, que sirvió de base para el surgimiento del negacionismo, las guerras culturales y las *fake news*, además de la acentuación de las crisis sociales y económicas desencadenadas por la globalización neoliberal. Finalmente, Nunes apunta formas de superar tales desafíos, una de los cuales es la radicalización.

PALABRAS CLAVE: *Bolsonarismo; Extrema Derecha; Crise Neoliberal.*

Submetido em 28 de abril de 2023

Aceito em 30 de maio de 2023

Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição (Ubu Editora, 2022), publicado pelo professor e filósofo Rodrigo Nunes, reúne sete ensaios, escritos entre 2019 e o início de 2022, que analisam à quente a consolidação da extrema-direita no Brasil, propõem um diagnóstico para o fenômeno do *bolsonarismo*, e apontam para possibilidades de superá-lo. Tal superação prognóstica deveria compreender estratégias, segundo o autor, situadas para além da tática e pontual conciliação entre interesses de classes de grupos distintos. Se, como afirmou o filósofo francês Alain Badiou, o real está naquilo que frustra a formalização, ou seja, no que resta de impossível no possível¹, convocar o “realismo” para condenar como “utópica” ou “extremista” qualquer tentativa de reinvenção política via imaginação seria, no fim das contas, não tocar o real, não engendrar sua modificação estrutural. “Isso nos impede de procurar aquilo que pode ser ao mesmo tempo viável e radical — isto é, soluções que operam no interior das limitações existentes e que trabalham para transformá-las ao longo do tempo” (Nunes, 2022, p. 163-164).

Nunes articula sua defesa em favor de uma resposta radical ao momento político justamente no ensaio-título do livro cuja abordagem concentra-se no que o autor chama de “imagens da derrota no cinema brasileiro”. As referências são, respectivamente, do filme *Terra em Transe* (1967), de Glauber Rocha; e de *Democracia em Vertigem* (2019), documentário de Petra Costa. Os longas têm como traço comum o fato de terem sido realizados na ressaca de duas derrotas para a esquerda brasileira: a primeira, pós-Golpe de 1964; a segunda pós-golpe que depôs a presidenta Dilma Rousseff (PT) em 2016. As diferenças, porém, conforme destrincha o autor, são várias. A mais importante delas, talvez, seja a disposição autorreflexiva e autoanalítica daqueles que dirigem os longas, ambos autores reconhecidos, pertencentes a uma elite cultural e intelectual, e genericamente identificados à esquerda. Não à toa, Nunes abre o ensaio lembrando o desagrado que *Terra em Transe* provocou em parte da

¹ Referimo-nos ao livro *Em Busca do Real Perdido*, de Alain Badiou.

intelligentsia da época. De fato, as críticas negativas ao filme foram tão recorrentes que o próprio Glauber escreveu para a revista *Visão*, em 1967, uma peça teatral paródica na qual ele se coloca como uma vítima atacada por seus detratores, “os intelectuais do hospício carioca”². (Rocha, 1981, p. 54).

O desconforto de *Terra em Transe* opera menos pela estruturação do filme em *flashbacks*, repetições e sobreposições de imagens e sonoridades díspares e mais por colocar a plateia (e o próprio diretor) diante da apresentação a nu de suas próprias contradições, como, por exemplo, a de se julgarem enquanto defensores de uma classe à qual, no fundo, não pertencem. Segundo Nunes, a função pedagógica desse desconforto parte do reconhecimento de que a classe da qual se emana um discurso vai, inevitavelmente, limitar a perspectiva sobre os acontecimentos e estar implicada no jogo de tensões e interesses. Ao não se eximir dessa “coragem masoquista” de expor as próprias entranhas, *Terra em Transe* considera a hipótese de a responsabilidade do golpe contra o governo João Goulart ter sido não somente da inação do povo, ou das forças da reação, mas também da esquerda.

Esse exercício estaria ausente em *Democracia em Vertigem*. Apesar de conter raras passagens expondo a falha do PT em aderir a um sistema já corrupto em vez de transformá-lo, o filme não se implica nos fatores que levaram ao *impeachment*, o golpe que preserva sua aparência institucional. Ao priorizar os conflitos e negociações internos ao Palácio do Planalto e ao Congresso, o documentário acaba lamentando a ruptura democrática sem reconhecer a democracia que já antes faltava: basta lembrarmos que, apesar dos avanços e recuos, para grande parte da população brasileira, o acesso a direitos básicos tem ainda estatuto de privilégio. Um sintoma dessa ausência de autoimplicação, de acordo com Nunes, situa-se na apresentação *en passant* de dois episódios considerados como causas do *impeachment*: “Junho de 2013”, caracterizado no filme como um “abalo sísmico”, um fenômeno natural e inesperado; e “a crise econômica”, cuja resposta do governo Dilma em baixar os juros é tacitamente considerada como corajosa, embora a consequência da perda de força da economia não seja inspecionada pelo longa. “O que essas duas lacunas escondem, evidentemente, são elementos que podem implicar o PT em seu próprio caso.” (Nunes, 2022, p. 147).

² Encontra-se a reprodução deste texto na coletânea *Revolução do Cinema* (pp. 54-66).

Tais elementos, prossegue o autor, seriam os limites, já evidentes em 2013, do modelo de desenvolvimento defendidos nos períodos Lula e Dilma, no qual a perspectiva de melhora quantitativa da economia não mais se traduzia em melhora qualitativa na vida das pessoas. A isso, poderíamos somar o incentivo fiscal e a liberação de créditos a empresários não comprometidos em reverter tais ganhos em investimentos produtivos, e o programa de austeridade adotado pelo governo Dilma após uma campanha eleitoral adversária ao arrocho. Todo esse conjunto tornaria inclusive frágil o paralelo que o filme defende entre *impeachment* e Golpe de 1964, este último perpetrado dias depois do anúncio de reformas de fato estruturais por parte do governo João Goulart.

Apresentado somente como vítima de uma elite revanchista, o PT seria analisado não só em *Democracia em Vertigem*, mas também em outros documentários da mesma época, como *O Processo* (2018), de Maria Augusta Ramos, como protagonista de escolhas inevitáveis em nome da *realpolitik*. “Comparados ao mergulho crítico implacável de *Terra em Transe*, os documentários que tratam da queda do PT não têm como não parecerem confortáveis demais a poupar a esquerda de se haver com perguntas difíceis.” (Nunes, 2022, p. 161).

Mas o sentido do título do livro de Nunes não se restringe somente à comparação entre os filmes em favor de uma crítica da esquerda pela esquerda, ausente no documentário de Costa. Há uma segunda compreensão de “transe” e de “vertigem” que perpassaria as teses contidas nos outros ensaios do volume, conforme o próprio autor mencionou em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*³. O “transe” adviria também do estado adoecido de negação produzido pela extrema-direita; a “vertigem”, da compreensão de que as dificuldades do nosso tempo vão muito além de uma disputa eleitoral — e não se encerram nela. De modo lúcido, os ensaios investigam os desdobramentos políticos a que temos assistido ao menos desde a crise financeira de 2008, quando o capitalismo dobra a sua aposta na exclusão e na austeridade, com raros respiros de exceção.

Expressado pelo autor como uma “ferida” da democracia, o bolsonarismo caracteriza-se em um fenômeno político e social que supera o governo que lhe deu forma, uma vez que o

³ Entrevista concedida ao jornalista Eduardo Sombini, apresentador do podcast “Ilustríssima Conversa”, do jornal *Folha de S. Paulo*, divulgada no dia 18 de junho de 2022.

vínculo entre o capitão reformado e o movimento não apresenta um laço fundamental, mas se apoia em um fato circunstancial; ou seja, o contexto foi propício para que Jair Bolsonaro lhe conferisse formato. A tese que Nunes apresenta é de que tal fenômeno é resultado de uma centralização de tendências distintas na sociedade brasileira, reunidas em (1) matrizes discursivas que convergiram em torno do nome Bolsonaro; (2) gramáticas comuns; (3) condições afetivas semelhantes; e (4) infraestrutura organizacional.

Para análise das matrizes discursivas, Nunes cita o sociólogo Gabriel Feltran e apresenta inicialmente o “militarismo policial”, o “anti-intelectualismo evangélico” e o “empreendedorismo monetarista”, um *ethos* do que seria o “empreendedor de si mesmo”. Entretanto, o autor complementa a análise dessas matrizes em uma abordagem que ele chama de perspectivista. No caso, Nunes diverge de Feltran ao elencar elementos fundamentais que possibilitaram a concretização desses movimentos, que seriam: primeiro, o caráter de aliança entre classes distintas em torno de pontos identitários e políticos comuns; segundo, a gramática pensada para torná-los compatíveis; e, por fim, a centralização de diferentes vetores que já tinham características em comum pré-existentes, tanto às elites econômicas, quanto às classes médias e populares.

Um exemplo citado no livro diz respeito ao empreendedorismo. Se para classes mais ricas, ele encontra-se no centro de uma narrativa meritocrática que encoberta a desigualdade de oportunidades, para as classes mais pobres — e parte da classe média —, aproxima-se do que seria um “neoliberalismo de baixo”, segundo conceito de Verónica Gago (*apud* Nunes, 2022). Em suma, as matrizes discursivas que Rodrigo Nunes enumera, através de Feltran, são amparadas por um projeto interclasses que adquire diferentes significados a depender da posição que uma pessoa ou um grupo ocupa no interior desse espectro.

Para entendermos como a estruturação do bolsonarismo se configurou nos moldes atuais, e quais seriam as causas pré-existentes, o autor analisa as condições sociais que deram vazão à ascensão da extrema-direita ao redor do globo. A crise financeira que eclodiu em 2008 através do mercado imobiliário estadunidense — e que reverberou de forma mundial —, acelerou processos desencadeados pela globalização neoliberal, expondo uma diferenciação cada vez maior entre ricos e pobres. Como consequência, houve uma onda de ressentimento

causada pelo crescimento do desemprego, subemprego, pobreza e endividamento, além de sentimentos antissistêmicos em reação a transformações ocorridas nas últimas décadas relacionadas às minorias sociais, como negros, mulheres, LGBTQIAP+ e imigrantes.

A partir desse cenário, a resposta da extrema-direita às crises contemporâneas acentuadas pós-crise de 2008 seria a de que “eles” (diferentes países, etnias, culturas, gêneros, sexualidades etc.) estariam se beneficiando dessas transformações engendradas, sobretudo, pela esquerda. Segundo o autor, essa resposta não os deixa “enxergar o quão grave é o estado geral das coisas, mas o faz oferecendo o conforto de fantasias que prometem soluções relativamente simples” (Nunes, 2022, p. 50), postura que favoreceu embates sociais como as guerras culturais e o negacionismo.

O acirramento nos discursos políticos como o conhecemos tem como um de seus fatores de advento a internet. Um dos temas instigantes desenvolvidos por Rodrigo Nunes é sobre o domínio conservadorismo *mainstream* da comunicação em tempos de redes sociais, *clickbait* e economia da atenção. Normalmente, se culpam as *fake news* pela manipulação da opinião pública, assim como há alguns tempos eram culpados a televisão e os jornais. Nunes, em vez de atribuir culpa, vai tentar analisar por que as *fake news* ganham aderência e como o discurso da extrema-direita e o neoliberalismo possuem tanta resiliência. Resumindo, o que ele se pergunta é: quais necessidades são supridas pelo discurso da extrema-direita?

O argumento que o autor propõe é que explica-se a situação insustentável pelas péssimas condições climáticas, econômicas e a crescente desigualdade social por meio de histórias fantasiosas que exploram a ansiedade em torno da perda de direitos e privilégios. O que a política da extrema-direita estaria propondo é um paradoxo “conformista de ficar revoltado”, uma vez que o futuro almejado é o da restauração do *status quo* social. O combate à desinformação, portanto, não seria suficiente para superar essa conjuntura, mas sim fornecer respostas às questões que estão na raiz desse sentimento antissistema.

Como sintoma da crise de 2008, as manifestações por parte da sociedade civil contra a classe política que aconteceram no Oriente Médio e no Norte da África em 2011, conhecidas como Primavera Árabe, repercutiram mundialmente e invadiram o debate nas redes sociais. No Brasil, o sentimento antissistema tomou ímpeto no que ficou conhecido como as Jornadas de

Junho, em 2013, através de ondas de manifestações que constituíram o maior movimento de massas ocorridos no país desde as *Diretas Já*.

Após os anos de estabilidade institucional pós-redemocratização, as conquistas sociais promovidas pela esquerda, a bonança das *commodities* que permitiu as políticas redistributivas sem mexer nos lucros da capital, a questão que o autor levanta é: “Afinal, se tudo estava indo tão bem antes de 2013, por que milhões de pessoas de repente tomaram as ruas de todo o país após a violenta repressão a um protesto contra um aumento de tarifas do transporte público paulistano?” (Nunes, 2022, p. 146). Com a pergunta, Nunes busca examinar criticamente a postura da esquerda diante de uma situação na qual o modelo político vigente já não estava correspondendo aos anseios de grande parte da população.

Os protestos de 2013 ocorreram, para o autor, devido à reação das pessoas à *mudança de estado*. Não havia parâmetro de comparação da juventude que iniciou os protestos — segundo Nunes, uma juventude metropolitana, “batalhadora” e de classe média “tradicional”, e membros de movimentos ligados à mobilidade urbana e ao direito à cidade — sobre um contexto de grandes dificuldades sociais no país. Além disso, essas pessoas assistiam a embates internacionais sendo deflagrados por crises econômicas, como a Primavera Árabe.

Sendo assim, os movimentos foram impulsionados pela percepção de algo que havia piorado: o bem-estar econômico promovido pelas *commodities* havia decaído de seu ápice; ademais, a dinâmica de transformação posta em movimento pelas administrações petistas estava perdendo o embalo. A partir dos eventos de 2013, Nunes costura a insatisfação corrente com a apropriação do discurso político pela extrema-direita e uma contraofensiva irrefutável das elites econômica e política contra as poucas conquistas políticas obtidas na Nova República.

Os exemplos que trouxemos até aqui mostram que um dos méritos de *Do transe à vertigem* é partir de algumas explicações simplistas e genéricas, frutos de interpretações apressadas do bolsonarismo, e investigá-las com mais atenção, ainda que não sempre a ponto de negá-las completamente. Exemplo desse movimento está no quinto capítulo do livro, que constrói uma genealogia da ideia de “polarização” no debate público brasileiro. Não exatamente para negá-la, mas para compreender do que exatamente se diz (a depender de

quem diz, vale mencionar) quando se fala em polarização e o que fazer a partir desse diagnóstico.

Já largamente utilizado nos Estados Unidos desde os anos 1980, o termo “polarização” desembarcaria no Brasil com maior força a partir de 2014. Ainda no ambiente estadunidense, especialmente a partir do governo Obama, segundo Nunes, alguns comentaristas políticos adicionariam o adjetivo “assimétrica” para qualificar o termo “polarização”. Isso porque um político como Obama, centrista moderado e continuador de políticas econômicas neoliberais, encontraria sua principal oposição sintetizada no *Tea Party*: movimento ultraconservador, de forte aderência popular e financiado por corporações de elite. Por não estar empenhado em governar para uma maioria, muito menos para todos, o *Tea Party* sentia-se muito à vontade para adotar posições extremadas sem nenhum interesse em negociá-las.

A partir dessa interpretação, o filósofo Paulo Arantes (*apud* Nunes, 2022) compreenderia como “lenga-lenga” ou como “teatro” o sentido simétrico defendido para a polarização por alguns analistas aqui e lá justamente porque enquanto um dos “extremos” — a extrema-direita — não está comprometido com a negociação inerente à política, o outro dito “extremo”, a esquerda oficial brasileira e os democratas nos EUA, ambos moderados, estão. Nunes aponta que essa falsa simetria ganharia ainda mais eco com a contribuição da imprensa. A combinação irrefletida entre o mandamento jornalístico de “contar os dois lados da história” e a caça por cliques teria favorecido manifestações polêmicas de políticos da extrema-direita, ainda que tais declarações não encontrassem nenhum amparo nos fatos. “O modo como as notícias são produzidas e consumidas hoje em dia privilegia quem não tem qualquer pudor em mentir” (Nunes, 2022, p. 111).

Outro termo correlato à “polarização” que o autor busca enfrentar criticamente é o conceito de “guerras culturais”. O filósofo refere-se especificamente a um artigo de 2014 do cientista político Pablo Ortellado (2014), que tece uma interpretação de por que figuras ultraconservadoras, como Olavo de Carvalho, haviam, nos últimos dez anos, passado a dar o tom das opiniões nos grandes veículos de imprensa, transformando qualquer debate público em discussão de fundo moral, subordinando os assuntos políticos a uma perspectiva punitivista. O entendimento de Ortellado neste texto é o de que apesar de a relação entre

discurso moral e político não ser exatamente uma novidade, teria havido uma transformação nesse diálogo: antes o discurso moral fora instrumentalizado pelo político e, naquele momento, numa inversão, ocorria justamente o contrário. “Essa suspensão de juízo em relação às origens e às causas da transformação”, escreve Nunes acerca do artigo, “fazia com que ela [a disputa discursiva das ‘guerras culturais’] aparecesse como um fenômeno misterioso, algo que acontecera à política em vez de ter sido produzido por ela.” (Nunes, 2022, p. 112).

Apesar de a menção às “guerras culturais” ser breve em relação ao restante do livro, ela importa aqui por elucidar um esforço do autor em relação aos fenômenos sobre os quais trabalha: a investigação de suas origens, de suas causas estruturais e estruturantes e das transformações produzidas por tais fenômenos e a partir deles, nunca escapando às suas implicações políticas e econômicas. Por isso recusa, por exemplo, a compreensão do bolsonarismo como uma peculiaridade exclusivamente brasileira, ao mesmo tempo em que se afasta de compreendê-lo como repetição do fascismo da década de 1930. “Trata-se de uma tragédia bastante contemporânea, cujas condições estão dadas em diversas partes do mundo hoje, e só tendem a se agravar com o crescimento da desigualdade política e econômica e a intensificação dos efeitos da mudança climática” (Nunes, 2022, p. 48).

Um outro exemplo do esforço de Nunes na *demora* diante dos termos, dos discursos, envolve a compreensão do “cidadão de bem”. O autor concorda com Isabela Kalil que afirma este “significante vazio” enquanto uma condensação de características diversas, como “militarismo, anti-intelectualismo, anticomunismo, libertarianismo econômico, discurso anticorrupção, conservadorismo social” (Nunes, 2022, p. 37). Porém, discorda de outras interpretações que reduzem a produção discursiva e ideológica dos defensores do “cidadão de bem” como simplesmente hipócrita. Nunes compreende que há um compromisso sincero, ainda que não exatamente com a retidão e a moralidade pública. Tal compromisso relaciona-se com a crença em uma sociedade em que os atores ocupam o seu “devido lugar” sem reclamar: um mundo em que as mulheres aceitam a esfera doméstica; os negros, as ocupações subalternizadas; as classes pobres, o seu quinhão reduzido; todos aceitem que “meninos são meninos, meninas são meninas” (Nunes, 2022, p. 101). Não importaria tanto assim, no entanto, o valor contido nesses entendimentos, mas aquilo que Nunes compreende como a “distribuição

de poder e benefício pessoais que eles estabelecem” (Idem). Essa distribuição desigual daria-lhes pleno direito de realizar suas vontades sem nenhuma limitação. “É esse lugar, simultaneamente real e imaginado, que eles temem perder, lamentam ter perdido e almejam alcançar.” (Idem).

É como se *Do transe à vertigem* observasse o seu objeto — o *bolsonarismo* —, ao mesmo tempo, através de um microscópio e de um telescópio (feito nada desprezível em se tratando de um livro de somente 200 páginas). Nunes enfrenta o fenômeno aproximando-se dos seus pormenores e afastando-se deles, para compreendê-lo no interior de um contexto mais amplo e global de suas relações. A certa altura, propõe-se a um diagnóstico geral do nosso tempo agora e, apesar de estar longe de fornecer um quadro animador, o autor defende-o como uma “janela estreita de oportunidade” para evitar uma crise ambiental ainda mais severa, para combater a concentração de poder político e econômico, e para compreender as transformações tecnológicas e seus efeitos no mundo do trabalho (Nunes, 2022, p. 135).

Contra a reação mais preponderante de apostar nas mesmas soluções que já não deram certo para a maior parte da população — responder às crises causadas pela desregulamentação do mercado financeiro com mais desregulamentação, responder à ineficácia do mercado em encontrar soluções para a crise ambiental com mais soluções de mercado, responder ao aumento da desigualdade com mais precarização e mais desmantelamento de serviços públicos —, Nunes defende uma saída pela radicalidade. A radicalidade contra os remendos direcionados a um pretenso centro que, já há muito, foi deslocado e que se resume entre escolher um neoliberalismo progressista ou um neoliberalismo conservador. “Seguir fingindo que as coisas podem voltar a ser como eram é perder um tempo que já não temos e garantir que em breve estaremos vivendo num mundo em que desastres naturais, conflitos sociais e repressão sem precedentes serão o novo normal” (Ibidem, p. 136).

Tal radicalidade diante do real não reduz o “realismo” àquilo que nunca tensiona os seus próprios limites de possível, ou seja, nunca escapa à sua própria formatação/formalização, para retomarmos Badiou. E se a esquerda deseja continuar a ter relevância, compreende Nunes, ela precisaria, além de criar outros possíveis, efetivar sua presença na vida cotidiana

dos trabalhadores (o tal *trabalho de base*) e fortalecer espaços nos quais as pessoas possam, elas mesmas, exercitar sua potência, falar e construir por si mesmas. “Pensar a política de maneira relacional”, propõe o autor, “ensina que não só nem tudo é possível a qualquer momento, como também que a relação entre um desejo e seu resultado é sempre indireta e passa por diversas mediações” (Ibidem, p. 138). Isso compreende uma noção de “radical” que, em vez de afirmar-se intransitivamente no quadro de uma identidade performática, constitui-se principalmente enquanto alteridade.

Referências bibliográficas

BADIOU, Alain. *Em Busca do Real Perdido*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. [2015]

NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem: Ensaio sobre o bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

ORTELLADO, Pablo. “Guerras culturais no Brasil”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 01 dez. 2014. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/guerras-culturais-no-brasil/>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

ROCHA, Glauber. *Revolução do Cinema Novo*. Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme, 1981.

Bruna Carolina Carvalho – Universidade do Porto – U.Porto

Doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Universidade do Porto, integrada ao Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML). Mestra em Memória Social pela Unirio, onde faz graduação em Letras. É formada em Jornalismo (F. Cásper Líbero). Autora do livro *Glauber Rocha, Leitor do Brasil* (Lumme, 2021).

Esta resenha foi em parte escrita no âmbito da Bolsa de Doutorado (2022.13315.BD) e da investigação desenvolvida no ILCML, Unidade I&D financiada por fundos nacionais de Portugal através da FCT (UIDB/00500/2020).

Email: brunacarolinadomingues@gmail.com

Ludmila Maria Gomes da Costa – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ. É graduada em Jornalismo (Unicarioca) e possui MBA em Mídias Sociais pela mesma instituição.

Email: milla_mgc@hotmail.com

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28067